COMO A RELAÇÃO TEORIA/PRÁTICA É ABORDADA NO CURSO DE LETRAS DA UFCG[1]

Anne Karine de Queiroz
Gean Carlos Araújo Coura
Melissa Raposo Costa
UFCG

Resumo
Sabendo que a relação teoria/prática é fundamental nos cursos de Licenciatura, o objetivo deste trabalho foi investigá-la no Curso de Letras da UFCG. Os resultados revelaram que problemas relativos à disciplina Prática de Ensino e à rápida passagem dos professores substitutos pelo curso dificultam a relação entre teoria/prática.

Palavras-chave: teoria – prática – formação de professor.

Abstract
Having known that the relation between theory/pratice is important to the graduation courses, this paper ains at investigating this relations at UFCG Education Courses. The results reveal that problems related to the teaching trainning course as well as to the teaching short period developed by the replacing teacher dificultate the relation between theory/pratice.

Key-words: theory - pratice - teacher´s formation.

[1] Este trabalho, orientado pela Profª. Dr.ª Maria Auxiliadora Bezerra, faz parte da programação de atividades do Grupo de Estudos Lingüísticos Literários e Políticos (GELLP), formado por graduandos do Curso de Letras da Universidade Federal de Campina Grande, e tem como objetivo geral discutir se o referido curso está formando professores preparados para a prática na sala de aula.

1-Introdução

Sabendo-se que um dos principais papéis dos cursos de Licenciatura é formar professores aptos a estabelecer relação entre teorias vistas na graduação e a sua prática docente, resolvemos investigar se essa relação está sendo devidamente abordada, no Curso de Letras/UFCG. De forma mais específica, nosso objetivo é observar se o professor-formador (isto é, aquele que forma professor) está se preocupando em estabelecer a relação entre as teorias lingüísticas e a prática docente no Ensino Fundamental e Médio.

Para a constituição do *corpus* de análise, aplicamos questionários a professores e alunos do referido curso (habilitação em Língua Portuguesa), com o intuito de termos informações a respeito deste assunto. Os questionários destinados aos professores são constituídos por perguntas referentes à estrutura e evolução do referido curso e à relação teoria/prática. E os questionários dos alunos contêm perguntas sobre a importância desse curso para a sua formação e prática em sala de aula.

2- Pressupostos teóricos

Um dos aspectos importantes, que envolve a formação de professor, refere-se ao papel exercido pela universidade, pois, de acordo com Ramos (1990), ela precisa assumir, além da formação básica do professor, o compromisso de cooperar, de modo eficaz, no quadro problemático em que se encontra o Ensino Fundamental e Médio.

É evidente a necessidade de reavaliação dos cursos de Licenciatura por parte da Universidade, já que suas grades curriculares apresentam, geralmente, uma organização fragmentária, separando as disciplinas de caráter teórico das de caráter prático. Essa separação, segundo Nagle (1986), tem se revelado ineficaz no processo de formação de professor, uma vez que a inter-relação dessas disciplinas é essencial para a construção do conhecimento deste profissional.

Dessa forma, é necessário que repensemos o modelo de Licenciatura atualmente vigente, modelo este que já vem sendo analisado pelos mais diversos órgãos ligados à educação, dentre

eles o Ministério da Educação, que, em maio de 2000, enviou ao Conselho Nacional de Educação a proposta de Diretrizes para a Formação de Professores da Educação Básica, em cursos de nível superior. Esse documento tem como objetivo apresentar uma base comum de formação docente, expressa em diretrizes que possibilitem a revisão dos modelos de Licenciatura, atualmente em vigor.

Em vários momentos deste documento, a importância da relação teoria/prática para a formação do professor fica evidenciada. Vejamos:

> Nos cursos atuais de formação de professor, salvo raras exceções, ou se dá grande ênfase à transposição didática dos conteúdos, sem sua necessária ampliação e solidificação – *pedagogismo*, ou se dá atenção quase que exclusiva a conhecimentos que os estudantes devem aprender – *conteudismo*, sem considerar sua relevância e sua relação com os conteúdos que ele deverá ensinar nas diferentes etapas da educação básica. (p.20)

O Parecer ainda nos mostra que o trabalho teórico realizado na sala de aula dos Cursos de Licenciatura muitas vezes não se adequa à pratica nos estágios, sendo este um momento privilegiado para que se faça uma análise crítica da teoria e da estrutura curricular do curso.

Um outro problema observado em relação aos estágios é o tempo reduzido para a sua realização, que geralmente se restringe ao final do curso de Licenciatura e realiza-se unicamente através da observação das aulas numa classe uma vez por semana. Esse modelo de prática não permite que o estagiário possa compreender a fundo todas as dificuldades existentes em uma sala de aula real.

Apesar de o referido Parecer apresentar algumas questões referentes às mudanças necessárias para a melhoria das Licenciaturas, percebemos que a situação atual dos cursos de formação de professor está muito aquém do ideal esperado para um profissional da área, ou seja, as modificações sugeridas não contemplam os reais problemas que hoje enfrentamos nos cursos de Licenciatura, entre eles o reduzido quadro de professores formadores e a falta de investimento na formação continuada do professor do Ensino Fundamental e Médio.

Miranda (2000), percebendo a distância entre as teorias estudadas nos cursos de formação de professor e a sua adequação à prática na sala de aula do Ensino Fundamental e Médio, propõe um modelo curricular para todas as Licenciaturas, tomando como base a formação em Letras. Este modelo está dividido em quatro etapas distintas. A primeira contempla o trabalho em conjunto entre cursos de formação de professor, escolas do Ensino Fundamental e Médio e Secretarias de Educação, tendo como objetivo observar a prática na sala de aula e refletir sobre os problemas ligados à educação. A segunda tem como objetivo investigar a prática escolar e confrontá-la com as teorias abordadas nos cursos de licenciatura. A terceira é destinada à pesquisa e reflexão crítica acerca da linguagem. Na quarta e última etapa cabe ao futuro professor organizar a grade curricular de acordo com a área de seu interesse.

Como percebemos, o desenho curricular acima proposto possibilita as mudanças necessárias para que haja uma perfeita relação entre teoria e prática nos cursos de Licenciatura. Porém, para que este modelo possa ser efetivado, é necessário que o problema anteriormente citado, referente ao número reduzido de professores, seja resolvido, já que o desenho curricular aqui exposto exige mais professores e melhor preparados para lidar com as diversas atividades acadêmicas programadas pelas Licenciaturas.

4- Análise dos dados

4.1- Dificuldades docentes do aluno-professor

Foram feitas três perguntas aos alunos do Curso de Letras, no intuito de conhecermos as dificuldades mais recorrentes que envolvem a prática na sala de aula.

Inicialmente, perguntamos para esses alunos se a primeira experiência deles em sala de aula aconteceu antes ou depois do ingresso no curso. Dos 7 (sete) alunos que responderam ao questionário, apenas dois já tinham experiência em sala de aula; enquanto que os cinco restantes só vieram a tê-la após ingressarem no curso.

Em seguida, perguntamos se eles sentiram alguma dificuldade ao enfrentarem uma sala de aula. Todos responderam que tiveram de problemas, como:

Resp. 01[2]

> A dificuldade que senti ao entrar na sala de aula foi devido o comportamento dos alunos, uma vez que estes faziam parte do turno da noite, e, conseqüentemente, eram alunos mais atrasados e desinteressados.

Resp. 02

> Senti algumas dificuldades de controle de turma que foram rapidamente superados com o apoio da diretoria da escola.(...)

Resp. 03

> Como qualquer humano, as dificuldades são inúmeras. Uma das maiores é com relação ao sistema político educacional do país que por sua vez não está preocupado com os dados qualitativos, mas sim com o quantitativo.

Como vemos, as respostas obtidas nos mostram as mais diversas dificuldades, que variam desde problemas internos, como a dificuldade em lidar com os alunos do turno da noite e o próprio controle de sala de aula, até questões de ordem externa e abrangente, como o sistema político e educacional do país. Embora sejam problemas que não dependem diretamente do curso de formação de professor, discussões e leituras sobre políticas de educação, que incluem ensino noturno e educação de jovens e adultos, são fundamentais em cursos de Licenciatura, para formar o educador e não só o professor de um determinado conhecimento.

Por fim, perguntamos aos alunos se o Curso de Letras os ajudou a superar essas dificuldades enfrentadas em sala de aula. Foram registradas as seguintes respostas:

Resp. 04

> (...) A única maneira de resolver minhas dúvidas era estudando, e foi neste momento que o Curso de Letras se mostrou fundamental, pois foi a minha graduação que me deu suporte teórico e o pensamento crítico para observar o

[2] As respostas foram transcritas conforme os originais.

universo que eu tinha disponível, a fim de adaptar os meus conhecimentos a uma metodologia que fosse adequada e, a um só tempo, estivesse de acordo com a formação que tive e com as necessidades de aprendizado demonstradas pelos alunos.

Resp. 05

Se levarmos em consideração que o Curso de Letras da UFPB tem professores que ensinam em sala de aula de maneira satisfatória, (em sua grande maioria, pelo menos) posso afirmar (com risco de cair no exagero) que o Curso de Letras nos ajudou a "encarar" as dificuldades encontradas. Isso, se, tivermos a habilidade de imitarmos nossos professores. Por outro lado, se levarmos em consideração, ainda, que passamos 90% do curso estudando muita teoria (que é de extrema importância, claro) sem coloca-las em prática, na maioria das vezes; nesse sentido, posso afirmar (sem medo de cair no exagero) que o Curso de Letras, ao invés de ajudar, nos atrapalha a enfrentarmos as dificuldades em sala de aula.

Percebemos que o Curso de Letras parece ser fundamental no tocante ao suporte teórico fornecido ao aluno-professor (isto é, aquele que está sendo formado), auxiliando-o numa possível superação de dificuldades encontradas na sala de aula. Porém, como revela a resposta nº 5, apenas os pressupostos teóricos não são suficientes para a resolução de tais dificuldades, uma vez que, em qualquer teoria, tem-se uma sala de aula ideal, ao contrário da nossa realidade.

4.2- Licenciatura ou bacharelado?

Questionamos aos alunos se, através de sua experiência em sala de aula, é possível afirmar que o Curso de Letras forma professor. A maioria das respostas demonstrava que o referido curso forma professores, mas apenas em sua parte teórica. Vejamos:

Resp. 06

Sim. O Curso de Letras da UFPB forma professores, pois recebemos ao longo do curso uma grande bagagem teórica e sobretudo crítica, Cabe a nós tentar emprega-la em sala de aula, já que é na prática de sala de aula que se forma o professor, enquanto transmissor de conhecimentos.

Resp. 07

O Curso de Letras forma professores sim, uma vez que lhes dá suporte teórico necessário para a formação de um profissional crítico, o qual (espera-se) não mas se limitará a reproduzir os modelos de ensino existentes, mas irá refletir e ajudar seus alunos a refletirem, de maneira a formar leitores e escritores críticos – não apenas senhores de regras gramaticais.

Resp. 08

Eu não diria forma professores, mas sim dar oportunidades como qualquer um outro curso as pessoas que não puderam ou não tiveram acesso a curto ou longo prazo a universidade. Ao mesmo tempo estamos de parabéns por continuarmos em conceito A pelo quarto ano consecutivo.

De acordo com a maioria das respostas acima, percebemos que o Curso apresenta, em alguns momentos, determinadas características de Bacharelado, deixando um pouco de lado o aspecto que o caracteriza enquanto licenciatura, no caso, a Prática de Ensino.

No tocante à resposta 8, percebemos que, para este aluno, o curso é um meio encontrado para se chegar à Universidade, ou seja, ele não é visto com a devida importância (formação de futuros educadores), mas, sim, como um curso qualquer, do qual o aluno tem apenas como referência o conceito "A" obtido no ENC (Exame Nacional de Cursos - Provão).

Em relação aos professores, questionamos sobre qual seria o tipo de profissional que o Curso de Letras/UFCG forma. As respostas se apresentaram com uma certa relação entre si. Vejamos:

Resp. 09

> Ao meu ver, o nosso Curso de Letras, na prática, está mais voltado para a formação de pesquisadores do que propriamente para a formação de professores que sejam devidamente preparados para enfrentar uma sala de aula.

Resp. 10

> A proposta pedagógica do curso é formar professores críticos, conhecedores de seu objeto de ensino (língua/literatura) e capazes de formar respostas para seus problemas docentes e de formação (...). Mas desconfio que não estamos conseguindo formar o professor com este perfil.

Resp. 11

> Formar um repetidor de conteúdos referentes a língua e literatura. Não há de fato um fio condutor entre as disciplinas que orientam as atividades do curso para a questão do "como ensinar".

Como vemos, as respostas, aparentemente diversas, têm um ponto convergente, que é a relação teoria/prática, uma vez que, para a maioria destes professores, o curso não consegue fazer essa relação de forma eficaz e proveitosa, dificultando, assim, o mais importante papel dos cursos de Licenciatura: formar professores capazes de lidar com a sua sala de aula, a partir dos conhecimentos acadêmicos adquiridos durante o curso.

4.3- Falhas e possíveis soluções

A última questão respondida pelos alunos pretende identificar se há falhas na formação do professor no curso e quais são elas. Em relação à primeira parte desta pergunta, todos os alunos afirmaram haver falhas, tanto de natureza conteudística,

quanto docente: algumas matérias com muitas disciplinas, como Literatura, outras matérias com um número reduzido de disciplinas, como Lingüística; algumas disciplinas deveriam ser ministradas por professores específicos da área de Letras; e a prática docente precisa ser intensificada. Vejamos abaixo:

Resp. 12

> A grande falha está nas disciplinas (...) Didática e Estrutura deveriam ser ministradas por professores do Curso de Letras e não de Pedagogia (...) deveríamos ter uma disciplina específica para a Análise do discurso (...), Sabemos que algumas disciplinas estão faltando por um lado e sobrando de outro, principalmente na área de lingüística (...) é necessário suprir as deficiências que os alunos trazem pré-faculdade.

Resp. 13

> Acredito que as falhas existentes na formação de professores no nosso curso estão em vias de serem resolvidas, com a inserção da Prática de Ensino desde os primeiros períodos da graduação.

Resp. 14

> As falhas advêm do fato de só termos contato com um pouco da realidade da docência no final do curso, quando deveríamos ser direcionadas desde o início, pois dois semestres são insuficientes para a formação de professores.

Resp. 15

> (...) Uma das grandes dificuldades que enfrentamos até agora é a classificação do curso em: "o pessoal do PEC" ou "do vestibular convencional ?" Há quem diga que são duas vertentes diferentes, mas acredito que o conteúdo programático é igual para qualquer turma.

Nas respostas 12 e 15, notamos que os alunos enfatizam problemas referentes ao quadro de disciplinas do curso e sugerem modificações quanto à inclusão de disciplinas da área de Lingüística e quanto aos atuais professores que ministram as disciplinas de Didática e Estrutura e Funcionamento do Ensino de

1º e 2º Graus, as quais deveriam ser lecionadas por professores do Departamento de Letras, já que estas são lecionadas por docentes do Departamento de Educação.

Percebemos, através das respostas 13 e 14, uma maior preocupação com o pouco contato com a prática de ensino ao longo do curso. Essa falha vem sendo percebida não só pelos alunos, mas também pelos professores, o que nos indica que este problema deve ser discutido, no intuito de procurarmos as devidas modificações para o melhor andamento do Curso.

Ao professor-formador perguntamos se, durante a trajetória do curso, houve a preocupação de discutir o estreito vínculo existente entre o ambiente universitário e a escola. Observemos suas respostas:

Resp. 16

> Pouquíssimas vezes, em encontros com professores de prática de Ensino da universidade como um todo e em Semanas de letras. Os resultados foram nulos, pois grande parte dos participantes e das autoridades universitárias não se interessa pela relação universidade-escola.

Resp. 17

> Durante o tempo que estou na UFPB, não percebi uma preocupação primordial discutir e manter uma relação direta entre universidade e escola. Na verdade, podemos afirmar que somente agora estamos despertando para este problema. (...)

Resp. 18

> (...). Um dos reflexos desta preocupação se percebe quando se observam as mudanças ocorridas principalmente em relação à disciplina Prática de Ensino e de Língua Portuguesa I que vem sendo ministrada nas escolas Estaduais e não em forma de curso-piloto. Tais alterações se devem à necessidade de aproximar o aluno da realidade com a qual ele vai se deparar ao término do curso. (...)

Os exemplos 16 e 18 afirmam que houve uma preocupação em se discutir a relação teoria/prática no curso, porém a resposta 17 diz que nunca houve essa preocupação, e, somente agora, a necessidade de se inter-relacionar teoria e prática vem se tornando evidente.

Ao final do questionário, perguntamos aos professores qual o principal problema a ser solucionado no curso. As respostas indicaram dois pontos distintos: a relação teoria/prática e a questão dos professores substitutos. Vejamos:

Resp. 19

> O principal problema é criar um eixo que oriente todas as disciplinas e atividades para a formação de professor.

Resp. 20

> Um dos problemas centrais é mesmo o da organização do estágio nas escolas. O aluno precisa ter um contato mais estreito com a realidade do ensino de Língua e Literatura.

Resp. 21

> São vários os problemas, mas acho que os principais são o estágio curricular (por não haver uma prática mais prolongada em sala de aula), (...) e o grande número de professores substitutos (não porque eles sejam incompetentes, mas porque estão temporariamente no curso, não sendo possível a continuidade de um trabalho de médio/longo prazo).

É muito preocupante constatar, através das respostas obtidas por parte dos alunos e professores, como a falta de relação entre as teorias lingüísticas vistas ao longo do curso e a prática docente no Ensino Fundamental e Médio é enfatizada.

5. Considerações finais

Diante dos resultados desta pesquisa, podemos concluir que a relação teoria/prática precisa ser melhor trabalhada no Curso de Letras da UFCG.

Percebemos que há uma preocupação por parte de alunos e professores com a forma como a Prática de Ensino está sendo ministrada. Tal preocupação reflete-se nas opiniões dos alunos, quando afirmam que o curso lhes dá suporte teórico, porém, lhes proporciona pouco contato com a prática de sala de aula. Os professores também afirmam que o curso não consegue relacionar teoria e prática de forma satisfatória e eficaz.

Dessa forma, seria interessante que se realizasse um trabalho de interação entre a universidade e as escolas do Ensino Fundamental e Médio, no intuito de suprir as deficiências existentes no Curso de Letras referentes à prática na sala de aula, possibilitando, assim, de acordo com o Parecer anteriormente citado, os chamados "projetos de formação compartilhados". Nesse sentido, já há uma preocupação no curso, tanto dos alunos, quanto dos professores, em criar um novo Projeto Pedagógico, que vise essa maior interação entre a universidade e o ambiente escolar, desde o início do curso.

Um outro aspecto de fundamental importância, que observamos, refere-se à situação do Curso de Letras da UFCG quanto aos professores substitutos, pois a sua rápida passagem pelo curso os impede de desenvolverem um trabalho contínuo, que reflita na formação dos futuros profissionais de educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Parecer n.º: CNE/CP 009/2001*, 8 de maio de 2001, Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena.

MIRANDA, Neusa Salim. Uma proposta curricular para a formação de professores de português. In: *Boletim Abralin*, nº 25, 2000, p. 203/209.

NAGLE, Jorge. As unidades universitárias e suas licenciaturas: Educadores pesquisadores. In: CATARINI, Denise Bárbara & outros (orgs.). *Universidade, escola e formação de professor*. São Paulo: Brasiliense, 1986. p.161-172.

RAMOS, M. C. M. Formação continuada do professor. In: *Didática*. São Paulo: Ática, v. 26/27, 1990/91.